

Mais de duas centenas de pessoas exigiram no Porto medidas para a habitação

written by O Cidadão | 30 de Junho, 2025



Mais de duas centenas de pessoas participaram ontem, no Porto, numa manifestação de protesto contra os elevados preços das casas e exigiram ao Governo medidas urgentes para solucionar este problema.

“Estamos aqui, mais uma vez, para reivindicar o direito à habitação para todos, sem exceção. O problema tem vindo a agravar-se nos últimos anos e aqueles que realmente precisam ficaram de fora de todos apoios. Nós precisamos é de um governo que implemente medidas que ajudem a população, aqueles que vivem e trabalham no nosso país”, disse à Lusa, Raquel Ferreira, do movimento organizador Porta a Porta.

Em seu entender, **“o programa do Governo não inclui medidas que ajudem a resolver este problema, pelo contrário, agravam-no”**.

“E por isso estamos na rua hoje como estivemos no sábado em 12 outras cidades do país, como estivemos há uns meses e como continuaremos a estar se não houver resposta”, disse.

Raquel Ferreira usou dados do Instituto Nacional de estatística (INE) para afirmar que **“os preços das casas aumentaram, como nunca foi visto”**.

“As perspetivas que temos não são animadoras e é necessário que haja esta mobilização popular pelo direito à habitação, porque é uma questão de dignidade”, acrescentou.

O Índice de Preços da Habitação do INE revelou que no 1.º trimestre deste ano, face ao período homologado, as casas ficaram mais caras cerca de 16%, **“o maior aumento desde que há registos nas bases do INE”**, segundo os organizadores do protesto, que esperavam maior adesão.

“Sabemos que este tempo é convidativo para ir à praia, para outro tipo de programas em família, mas a verdade é que os despejos não param por estar calor e as rendas não ficam mais baixas por causa do tempo, portanto é necessário que as pessoas percebam a gravidade do problema e se juntem a nós”, apelou.

Agostinha Maia vive num bairro social, no Porto, optou por participar no protesto, não porque não tenha casa, mas porque a situação que se vive neste setor no país **“é uma vergonha”**.

“Hoje em dia, o salário mínimo nacional não dá para pagar uma renda. Recentemente tive um filho que viu a renda aumentar de 650 para 1.200 euros. Felizmente conseguiu resolver o seu problema, mas a maioria não tem as mesmas condições. E vão viver com quem, para a casa dos avós? Até estes correm o risco de perderem a sua própria habitação”, lamentou.

Um outro participante, já idoso, disse à Lusa estar a lutar pelo direito à habitação, mas também pela paz.

“Se não houver paz, tudo está muito mal”, disse, referindo que, embora tenha casa própria, decidiu participar ***“pelos jovens que deixaram de ter condições e tiveram de voltar para a casa dos pais”***.

Contou que na sua juventude vivia numa zona onde não havia casas de banho e foi, durante muito tempo, tomar banho aos balneários públicos no Campo 24 de Agosto, no Porto.

“Querem voltar a isso? É injusto”, afirmou.

Também Fernando Barbosa disse estar presente por uma questão de solidariedade com os mais novos, com aqueles que ***“já perderam a perspetiva de ter uma casa”***.

Joaquim Gomes, mais conhecido pelo Maradona das Artes Gráficas, explicou que está a ***“lutar”*** porque a sua consciência assim o obriga.

“Pensei que ia encontrar aqui centenas e centenas de jovens. E onde é que eles estão, os jovens? Na praia, a dormir”, lamentou Joaquim Gomes.

Gonçalo Monzone, de 26 anos, optou por não ir para a praia, para participar no protesto.

Veio de Vila Real, é trabalhador independente e criou uma organização de animação turística, mas as perspetivas de poder sair de casa da família estão ***“um bocado complicadas”***.

“Vemos as rendas cada vez a aumentar mais, a serem cada vez feitos mais empreendimentos turísticos, alojamentos locais e vemos quase nenhuma medidas para a habitação e habitação social. E acho que é muito importante para nós jovens, e para as pessoas em geral, lutar por este direito”, afirmou.

Depois de se concentrarem na Praça da Batalha, os

manifestantes desfilaram até à Avenida dos Aliados, no Porto.

OC/MP

FOTO | MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA